

**Dos horrores do inferno na terra: breves notas
sobre a construção social de um turismo em
conflito com as forças religiosas francesas
em um município da Serra Gaúcha**

*From the horrors of hell on Earth: Brief notes about
tourism social construction in conflict with
french religious in Serra Gaúcha*

Itamar Ferretto Comarú

Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul/RS, Brasil
E-mail: ifcomaru@gmail.com

Artigo recebido em: 01-04-2015

Artigo aprovado em: 23-12-201

RESUMO

O estudo analisa o campo turístico e social de Veranópolis/RS. Sobre sua população os sacerdotes praticavam um olhar vigilante, avaliando com atenção as mudanças que se produziam numa sociedade em ebulição, temendo sobremaneira o contato entre visitantes e visitados. Ali, o turismo estilhaçou a ordem estabelecida, perturbou as tradições, abalou os costumes existentes, rompeu com a confortável rotina. Entretanto, a semente da natureza enquanto atrativo turístico estava sendo preparada, valorizada inclusive pelos próprios sacerdotes. Assim, quando germina, o turismo local passa a ter um novo caminho, uma manobra astuciosa, que constrói um modelo *moderno*, até então não existente na cidade, afastando-se dos *homens* e suas construções culturais, passando a construir uma atividade onde a natureza estaria ao centro de um potente discurso total. Este ato transformador será posto em prática na década de 1950, mas apresentará um claro efeito colateral: o esquecimento da cidade e seus atrativos culturais. Todavia, a localidade não se metamorfoseava somente em seus costumes, que pareciam testados a todo o momento. A materialidade urbana, igualmente, passava por um veloz processo de ruptura entre antigo e *moderno*, sendo devorada pela aparente necessidade de se constituir uma imagem renovada da cidade, distanciando-se da antiga representação colonial. Ruiria ela também, tempos depois, seguindo as tendências padronizadas, impostas pelo capitalismo imobiliário. Em meio a esse processo, a cidade é renomeada, edificando-se uma nova identidade. Surge a *Cidade Veraneio*. A soma desses fatores levará ao contemporâneo distanciamento entre turismo e espaço urbano, contrapondo-se à valorização turística da natureza ali existente.

Palavras-chave: Turismo. História do Turismo. Serra Gaúcha. Veranópolis.RS.

ABSTRACT

The study analyzes the tourism and social field in Veranópolis / RS. On its population priests practiced a watchful eye, carefully evaluating the changes that took place in a society in boiling, greatly fearing the contact between visitors and visited. In this city, tourism shattered the established order, disrupted traditions, there shook the existing customs, broke with the comfortable routine. However, the seed of nature as a tourist attraction was being prepared, reviewed including by the priests. So when germinates, local tourism is replaced by a new path, a nifty maneuver, building a modern model, hitherto non-existent in the city, away from the men and their cultural constructions, starting to build an activity where nature was the center of a powerful full speech. This transformer act will be implemented in the 1950s, but present a clear side effect: forgetfulness of the city and its cultural attractions. However, the location not only metamorphosed in their ways that seemed tested all the time. Urban materiality also went through a rapid process of rupture between ancient and modern, being devoured by the apparent need to provide a new image of the city, moving away from the old colonial representation. It also would collapse, some time later, following the standardized trends imposed by the real estate capitalism. In the midst of this process, the city is renamed, is building up a new identity. Comes the Vacation City. The sum of these factors will lead to the contemporary gap between tourism and urban space, in contrast to the tourist valorization of there existing nature.

Keywords: Tourism. History of Tourism. Serra Gaucha. Veranópolis. RS .

1. INTRODUÇÃO

O viajante que chega hoje a região Nordeste do Rio Grande do Sul parece privado de sua história urbana. Durante mais de um século, e talvez até os dias atuais, a difícil relação entre ser humano e natureza propiciou relatos maravilhados frente a obtenção da terra, a possibilidade de enriquecimento e desenvolvimento social, além do brutal enfrentamento com a floresta nativa existente naquele espaço, outrora cheia de ameaças e incertezas. Frente a isso, os milhares de imigrantes que enfrentavam o espaço geográfico desconhecido experimentavam, e proferiam com energia, sentimentos dos mais diversos.

Desde a fundação, assim como a ocupação, das primeiras Colônias Imperiais de Imigração europeia na região Nordeste do Rio Grande do Sul, os relatos, crônicas e correspondências da época mesclam encantamento, espanto e desagrado pelas assombrosas dificuldades enfrentadas ao longo do dia a dia. Em visita a esse espaço, parece impossível escapar de suas representações; entretanto, é inegável que elas ainda impressionam. Ali, os imigrantes italianos foram maioria. Essa é, sem dúvida, uma das múltiplas razões pelas quais a região foi conhecida como *Região Colonial Italiana*. Entretanto, interpretar o campo simbólico das produções culturais, que condicionam a hierarquizante italianidade a uma memória coletiva majoritária na região é decodificar os jogos de poder que consolidam sua manutenção e propagação em uma sociedade complexa desde suas origens.

Segundo Gardelin e Costa (1993), não foram apenas imigrantes italianos que povoaram a Colônia Caxias, então a maior e mais importante colônia Imperial, conhecida como *Pérola das Colônias*. “Houve”, segundo os estudiosos, “a contribuição de outras etnias. Se não permaneceram e se preferiram buscar outros centros coloniais, é outra questão. O que importa saber é que eles foram para a colônia. E muitos deles aí enterraram suas esposas, filhos ou maridos e familiares” (1993, p. 150). Desse modo, além dos imigrantes italianos, estavam presentes naquela região imigrantes espanhóis, portugueses, alemães, franceses, ingleses, suíços, russos/alemães e austríacos, além dos raramente mencionados negros e indígenas (Gardelin & Costa, 1993, pp. 150-163).

Sua pretensão regional de encarnar uma identidade própria, baseada em uma europeizada italianidade brasileira, foi duramente contestada em alguns momentos da história recente do Brasil. Porta de entrada para imigrantes de diversas nacionalidades, com eles também chegavam costumes, ideias e ideais importados de uma efervescente Europa. Preston James, professor de Geografia da Universidade de Michigan, em palestra aos

membros da Associação dos Geógrafos Brasileiros em 1939, afirmava, com temor, o perigo desses grupos se tornarem alheios a cultura e a política brasileira. Segundo o geógrafo, “essas colônias de estrangeiros, (...) permaneceram grandemente separadas do resto do Brasil” (James, 1939, p.78). Além disso, havia o receio de que algumas

[...] novas ideias políticas, formuladas em outros continentes, tenham pronta aceitação nesses grupos inassimilados e que o resultado venha pôr em perigo a estabilidade política do país. Que eles não se assimilaram e que, no nosso mundo nacionalista de hoje, são talvez inassimiláveis, é inegável. A dificuldade é com as ideias, não com o povo; as colônias mais antigas, estabelecidas antes da presente era de intenso nacionalismo, foram sendo absorvidas pouco a pouco na formação de vida brasileira. Mas o espírito dos novos colonos é diferente (James, 1939, p.78).

Os clichês contemporâneos sobre os imigrantes são numerosos e repetitivos. O jornal *O Estafeta*, semanário cuja sede fica em Veranópolis, antiga Colônia Imperial Alfredo Chaves, recentemente homenageou a cultura dos imigrantes italianos afirmando que estes, “quando em 20 de maio de 1875 pisaram em solo serrano, com eles desembarcou também toda a cultura do Império Romano, do Cristianismo, dos movimentos humanitários “O ILUMINISMO e o RENASCIMENTO”, acontecidos entre os séculos XV e XVII” [grifo no original] (Estafeta, 2015, p. 16). A virtuosa compilação do comentarista apresenta a maneira como os descendentes de imigrantes pensam ser vistos, mas fundamentalmente, como eles se veem. Trata-se de uma forte demarcação social, uma representativa diferenciação entre o *nós* e o *outro*. Esses estereótipos são frutos, ou obras, de uma construção bastante recente, dada a partir de meados dos anos 1970. É nesse período que se desenvolve uma movimento científico, artístico, filosófico e midiático que valorizará essa região como uma grande construção italiana, calcada no trabalho e na fé. Até então, os ditos imigrantes não eram particularmente reconhecidos como representantes do antigo Império Romano, do cristianismo de Roma ou de qualquer outro movimento sociocultural.

Transformava-se, assim, a dolorosa realidade do imigrante. Seus olhos, aparentemente voltados para o passado, miram o futuro enquanto construção de um novo mundo social relacionando-os a cultura moderna, as diversas ciências, a multiplicidade de manifestações artísticas e festivas, assim como a ética imaginativa de um trabalhador incansável, ávido pelo progresso, serão utilizadas por inúmeros campos, dentre eles o turístico¹, especialmente o rural.

¹ O turismo, segundo Moesh (2000, p. 9), seria a “combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de

Desse modo, segundo o sociólogo Maffesoli (2001, p. 12), é preciso que saibamos “resistir ao que é superficialmente claro, imediatamente compreensível porque totalmente racional. Resistir, igualmente, ao prurido das opiniões”. Nessa perspectiva, o ofício do historiador desvela-se como ponto basilar ao presente estudo, pois é justamente por meio dela – a História -, que almejamos aclarar a atualidade, contextualizando e problematizando os acontecimentos que suscitam a invenção e subtração dos discursos sociais e turísticos, almejando a compreensão do passado, e vice-versa.

Muitos dos discursos sociais e turísticos contemporâneos se fundamentaram durante uma *modernidade* prodiga em impetrar a ordem, codificar, identificar... Desse modo retomamos Maffesoli (2001, p. 23) que, aliando seu pensar aos estudos de Michel Foucault, atenta ao fato que nesse período, “bem como concerne à produção, aos costumes, à saúde, à educação, à vida sexual, em resumo para tudo que se convencionou chamar de social, as massas foram domesticadas, assentadas no trabalho e destinadas à residência”. Isso se deu, entre outros fatores, pela vontade de políticos, religiosos, tecnocratas ou, simplesmente, pelo desejo daqueles que, naquele momento, possuíam o poder de decisão. Os tempos eram decididamente outros.

Parte de um estudo maior, os dados aqui apresentados enfatizam as relações de força e poder desencadeadas sobre o campo turístico e social de Veranópolis/RS² entre as décadas de 1920 e 1960. Criada no ano de 1884 como colônia imperial de imigração³, e permeada por

informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjectividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

² Município localizado na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, distante 170 km de Porto Alegre, capital do estado. Os limites territoriais definem-se ao norte com o município de Vila Flores, a leste com Antônio Prado e Nova Roma do Sul, ao sul com o município de Bento Gonçalves, um dos polos indutores de turismo do Rio Grande do Sul, e a oeste com o município de Cotiporã. A localidade pertence à Região Turística Uva e Vinho, integrando a microrregião *Thermas da Longevidade*.

³ Ali, superada a fase inicial de colonização, foram exercidas práticas econômicas baseadas em um acelerado processo de desmatamento, visando à utilização comercial da madeira retirada das matas, e o uso do solo para desenvolver a agricultura familiar e a criação de animais. Desse modo, a comercialização dos excedentes logo seriam repassados para além dos limites locais e regionais, o que representava um incremento na atividade comercial e um aporte considerável de capital financeiro a localidade, logo convertido em melhorias urbanas como um todo. O relatório municipal de 1915, elaborado pelo então intendente Coronel Achilles Taurino de Resende, destaca algumas práticas sociais e econômicas que iam muito além das tradicionais lides agrícolas. Segundo o documento, a localidade contava com uma dezena de hotéis e mais de uma dezena de casas de pasto, “estabelecimentos que prestavam acolhimento aos viajantes e seus animais” (Machado, 2014, p. 309).

múltiplos grupos de imigrantes europeus, dentre eles franceses, alemães, poloneses e italianos, essa localidade foi chamada de Alfredo Chaves até 1945, ano em que teve seu nome alterado para Veranópolis, a *Cidade Veraneio*, dada a existência de outro município com igual nome no estado do Espírito Santo.

O estudo tem como atores principais os religiosos franceses atuantes na localidade desde o final do século XIX e uma sociedade em transformação, que se refletia na busca da *modernidade* cultural e urbana. Entretanto, outros sujeitos ganharão um destaque ainda maior perante o olhar vigilante dos religiosos: os turistas, que chegavam a cidade vindos geralmente da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ávidos por divertimentos e atrações culturais. A partir de então, os religiosos passam a atacar, de diferentes modos, a conduta dos visitantes, suas inovações e relações, assim como a participação do poder público e dos moradores nos eventos em que os *neovindos* estivessem presentes.

Preocupados com a regulação social, a conduta dos sacerdotes chama a atenção por sua inquietude, temor e desconfiança perante os visitantes. O turbilhão de mudanças desencadeado com energia sobre o campo social urbano propiciava, aos olhos dos religiosos, um dramático contraste de práticas, e um inevitável sentimento de perda de poder e representatividade, em uma sociedade que passaria a fazer, sentir, perceber e articular a vida cotidiana de um modo nunca visto até então. A centralidade do poder do padre, e suas práticas dominantes, parecia estar sendo destruída.

Ali, cerca de trinta anos depois, dando um salto no tempo, o Turismo adotará uma nova e diferenciada postura, amplamente enfatizada pelo poder público: “cerrar fileiras em torno desse objetivo e transformar nossa terra em um verdadeiro Centro de Turismo” (Relatório Municipal, 1958, p. 50). O que teria ocorrido? Que fatores passaram a ser enaltecidos ou esquecidos? Como se deu essa rápida mudança de sentido em relação à

Na cidade haviam dezenas de alfaiatarias, alambiques, ourivesarias, ateliers fotográficos, cafés, livrarias, tipografias, consultórios médicos e escritórios de advocacia. A indústria local produzia, ou beneficiava, produtos variados, dentre eles açúcar, café, cerveja, queijo, refrigerantes, foguetes e pólvora. O couro era beneficiado por mais de uma quinzena de curtumes. As carpintarias e ferrarias juntavam-se aos mais de quarenta moinhos, serrarias a vapor e hidráulicas, fábricas de louças e ferrarias entre outras variadas atividades industriais e comerciais que, somadas a prática agrícola e da criação de animais, compunham a estrutura econômica do município então detentor da “primeira Usina de Geração de Energia Elétrica do interior do RS, inaugurada no início do século passado e que fornecia energia para a então Vila de Alfredo Chaves” (Setur/RS, 2010, s.p.).

atividade turística? As consequências serão intensas e atenderão os desejos e interesses dos religiosos locais. Entretanto, dispersar o contato com o outro não significa eliminá-lo.

2. BREVES NOTAS DO CAMINHO DE PESQUISA E METODOLOGIA

Nosso estudo, que se vale da história cultural, objetiva aprofundar os conhecimentos referentes à história social do turismo na região Nordeste do Rio Grande do Sul, turisticamente conhecida como *Serra Gaúcha*. Nesse sentido, as investigações e reflexões apresentadas ao longo deste estudo objetivam analisar e compreender as complexas relações que levam a construção e transformação da atividade turística no município de Veranópolis/RS. Almeja-se, além de identificar e contrastar seus discursos turísticos, refletir sobre as operações que constroem seletivas memórias e esquecimentos na localidade. Procuramos destacar a preservação dos bens arquitetônicos ainda existentes como possibilidade de incremento da atividade turística local, especificamente do turismo urbano.

Segundo Chartier (1988, p. 16), a história cultural tem como principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, de modo que, embora “as representações sociais aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (Chartier, 1988, p. 17). Segundo o historiador, as percepções do social não são de modo algum “discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (Chartier, 1988, p. 17).

O estudo fez uso de três tipos de fontes de pesquisa: as *fontes escritas*, as *fontes materiais* e as *fontes orais*, utilizando-se também da análise do espaço recortado para estudo, percebendo, assim, as práticas do cotidiano. Selecionaram-se *fontes escritas* que abarcassem a utilização de documentação oficial produzida pelo Poder Público local e por instituições relacionadas às atividades turística e histórica, pesquisas bibliográficas e revisões de literatura. As *fontes materiais* compreenderam os registros fotográficos. Segundo Mauad (2005), quando optamos pela utilização de fotografias, atribuindo-lhes,

[...] qualidade de texto, que pressupõe competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois

segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor, etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreende-os como um todo integrado (2005, p. 143).

A utilização das *fontes orais* permitiu o contraste entre passado e presente, pelas percepções e memórias dos antigos habitantes da localidade, assim como dos elementos que residiram em outro tempo no município.

O uso das fontes orais “privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado” (Ferreira, 1994, p. 8). Segundo Candido (1995, p. 9), “registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar”.

Chegamos ao Turismo utilizando como porta de entrada a História e a Memória. Para isso nos valem das imagens da cidade, das memórias de antigos moradores e de vários documentos textuais. Refizemos a trajetória percorrida por visitantes de outros tempos; revisitamos e analisamos espaços urbanos comuns, mas com funções esquecidas; percebemos as relações conflituosas entre os envolvidos... Para compreender o esquecimento e apagamento do espaço urbano no campo turístico local, recriamos parte de seu espaço por meio de fotografias, almejando reconhecer a cidade apropriada e a esquecida pelo turismo. Desse modo, o que não era perceptível em determinada fonte o era em outra, o que possibilitou uma densa imersão no campo social e turístico da localidade.

3. OS PRIMÓRDIOS DO TURISMO E A ÓRBITA DO URBANO

Os primeiros registros encontrados sobre a atividade turística na localidade remetem ao ano de 1920 quando o vigário, padre José de Bento Gonçalves, escreve que seu antecessor, o padre francês Luiz de La Vernaz, muito havia realizado em prol da localidade, entretanto, seria falso supor que “Alfredo Chaves tivesse chegado a ser um deserto de anacoretas!” (Tombo, 1920, p. 49). No mesmo registro, afirma:

Longe disso!... a vida publicamente imoral do Intendente, imitado dessa sua indiferença religiosa pela quasi (sic) totalidade dos empregados... A vida de luxo... sedenta de divertimentos e prazeres de certos veranistas e neo-vindos [grifo no

original] da Capital, os Grupos e Klubes (sic) recreativo-imoraes, os cinemas idem etc. etc. etc... lutavam (⁴) contra o bem (p. 49).

Percebe-se que o sacerdote credita aos governantes e à relação dada entre visitantes e visitados, um iminente perigo que pode pôr em risco a integridade, pelo menos moral, de seu *rebanho*. As palavras do religioso permitem mergulhar na atmosfera que envolvia os *veranistas e neo-vindos*, aparentemente bem recebidos pela localidade, mas vistos com desconfiança pelos religiosos que passam a tomar posições públicas, manifestando suas opiniões no púlpito da igreja.

Além de temores, ou devido a eles, o sacerdote evidencia as atividades realizadas por esses visitantes chegados à localidade, ostentando uma “vida de luxo... sedenta de divertimentos e prazeres” (Tombo, 1920, p. 49), vindos, em sua maioria, da capital do Rio Grande do Sul, localidade que na oportunidade passava a ser administrada por José Montaury de Aguiar Leitão, ex-diretor de Veranópolis quando ainda Alfredo Chaves.

Segundo Dalla (1998, p. 215), retomando as palavras de Néelson Saretta, era tal a procura de reservas pelo Hotel Zanchetta⁵, em Veranópolis, que os irmãos de Primo Antônio, então diretor do hotel, Fidel e José Zanchetta, “estabelecidos em Porto Alegre e proprietários do Café Pan-Americano, localizado no Mercado Público, e do Café Rex, na Rua da Praia, quase esquina Ladeira, já reservavam, na Capital, as vagas para as pessoas que vinham veranejar em Veranópolis, no Hotel”. Enquanto isso, o estabelecimento seria “muito procurado para a realização de banquetes importantes. Pessoas ilustres, políticos estaduais e nacionais que visitavam Veranópolis, na época, eram agraciados com a requintada culinária deste Hotel, que primava pelo sabor, decoração e fartura de pratos” (ibidem).

Alfredo Chaves seguia uma linha de desenvolvimento urbano, que, com belas edificações e atividades culturais, dentro de suas proporções, adotava a proposta aplicada na capital do Estado, Porto Alegre. A iluminação elétrica, presente desde 1912, permitia as seções de cinema com seus filmes mudos, animados por músicos ou, posteriormente, sonorizados. A eletricidade também possibilitava aos teatros, clubes e sociedades recreativas, como a *Principe di Piemonte*, os Cavalheiros do Luar ou a Sociedade Carnavalesca dos Tiriricas, maior animação nas várias festividades realizadas. A urbanidade se refletia na Orquestra Carlos Gomes, nas bandas de música, nos passeios realizados pela cidade e pelo

⁴ Palavra ilegível. Aparentemente sugere *a paz*, mas não é possível ler com clareza.

⁵ Desde 1924, em Alfredo Chaves, a família Zanchetta ocupava-se de atividades voltadas tanto para visitantes quanto visitados.

interior, nos jogos... Estes, entre outros atrativos, possibilitavam o que o religioso definia como uma “invasão dos [...] veranistas da Capital” (p.49), de modo que, com “tantos veranistas e a fácil comunicação com a Cidade [grifo no original], intensificou-se extraordinariamente a sede de divertimentos, cinemas, theatros, fout-ball, conferencias etc. etc. tudo se acabando sempre em bailes, não sempre dos mais Moraes” (Tombo, 1920, p. 49).

Em clara oposição as regras, considerados profanos e deturpadores da sociedade, os bailes e festividades ressaltam uma relação dialética, sem conciliação, entre religiosos, membros da comunidade e visitantes. À reunião de grupos com fins recreativos, geralmente acompanhados por músicas, danças, comes e bebes, eram creditadas diversas infelicidades, apresentadas como castigos divinos. Valduga (2007), em um estudo sobre a construção da identidade dos colonos italianos por meio da religiosidade no Rio Grande do Sul, expõe o celebre debate ocorrido entre Francisco Firpo, articulista do jornal *A época*, e Marcelino Prates, articulista do jornal *Staffetta Riograndense*⁶, autor da matéria intitulada ‘A grave lição’, de maio de 1941.

O escrito apontava para o seguinte caminho: as enchentes que atingiram várias cidades gaúchas naquele ano seriam castigos divinos, causados pela conduta pecaminosa das sociedades do período. O clamoroso testemunho de Marcelino procura tanto demonstrar uma escrupulosa pureza moral, assim como um austero e rígido respeito pelos princípios e costumes cristãos. Segundo Valduga, a matéria finalizava com a

[...] conclusão de que as tais catástrofes haviam sido castigos divinos por terem as ditas cidades inundadas, promovido durante o Carnaval, bailes indecentes e escandalosos. Afirmava Marcelino Prates: “Deus não podia deixar impunes tantas barbaridades e imoralidades praticadas pelos gozadores da vida durante o último Carnaval. [...] Os homens devem se convencer de que há um Deus e que a sua lei não pode ser impunemente violada” (Valduga, 2007, p.178).

A contrariedade de Marcelino quanto aos bailes e festas representa o ponto de vista professado pelos sacerdotes cristãos. Bailes como o que fora realizado vinte anos antes em Alfredo Chaves, no carnaval de 1920, e que, segundo o pároco da época, poderia ser comparado ao inferno, tendo em vista que os veranistas, “unidos a rapaziada da Villa organizaram um carnaval de cidade. Era o inferno descadeado (sic) que andava todas as noites em luxuosos aparatos com gritarias, tambores, trombetas *et ammi genere musicarum infernabium* pelas ruas, casas, theatros, etc.” (Tombo, 1920, p. 49). Declarava ainda o religioso que, para “não deixar tranquillo o furioso lobo no seu rebanho, levantou energicamente, mas com toda a prudência sua voz contra estes abusos e desordens” (ibidem).

⁶ Atual jornal Correio Rio-Grandense.

Percebe-se a perspectiva moralista, por vezes preconceituosa, que imperava não só em Alfredo Chaves, atual Veranópolis, mas em outras cidades da região. As festividades e seus fenômenos comportamentais surgiram aos olhos da igreja católica como possíveis modos do maligno devorar almas ou abalar as condutas cristãs. Simboliza também a tentativa de se modelar a sociedade por meio da cultura do medo, parecer imposto por religiosos que almejavam, ou consideravam, serem encarregados de orientar e controlar as vidas humanas por meio de inúmeras prescrições do que seria entendido como *o correto*.

Desse modo, os religiosos de Alfredo Chaves, creditavam às diversões e/ou relações dadas entre veranistas e neovindos a possível fonte de todo mal social, além das prováveis influências nefastas desencadeadas sobre a localidade. Mediante críticas, até certo ponto provocantes, o padre defendia o convívio familiar como remédio contra os comportamentos eufóricos e ruidosos. Além disso, realçava sua preocupação com o *outro*, afirmando não compreender como um “pae, uma mãe, podem dormir somnos tranqüillos enquanto os filhos, as filhas, estão caminhando alegremente pelas ruas ou dançando nos braços de uma mascara!...” (Tombo, 1920, p. 49). Por fim, enfatiza que se via no “sagrado dever de levantar [sua] voz contra um carnaval tão luxuoso e barulhento que pela primeira vez vem conturbar a tranqüilidade de nossa Parochia e introduzindo abusos” (ibidem).

As manifestações encarregavam-se da busca e/ou manutenção da moralidade e *ordem* social contra os prazeres mundanos. Essas mostras de regulação e pressão social afluíam no cotidiano, pois grande parte do “clero italiano sustentava uma linha severa e puritana com referencia ao divertimento social, especialmente o baile, que era taxado de ‘sepulcro do pudor’, ‘caverna do diabo’, ‘fogueira de obscenidades’, e até de ‘celebração demoníaca’” (Bonfada, 1991, p. 74). Os religiosos seguidores da ordem francesa dos Capuchinhos, então responsáveis pela paróquia de Alfredo Chaves – localidade constituída por um grande número de imigrantes italianos dentre outros vários grupos europeus -, parecem compactuar do mesmo pensamento.

A atitude dos controladores ideológicos em relação às alterações do cotidiano suscitou reações por parte dos governantes, pois o discurso que buscava constranger o rebanho social, aniquilando a autonomia de parte da comunidade, não encontrava aporte nos mandatários locais de então. Desse modo, o incidente teria tomado

[...] ainda mais vulto pelo facto de terem os Carnavalistas incluído na Comissão do carnaval as autoridades, (intendente, juiz de Comarca etc...) e quasi todos os pozzi grossi da nossa sociedade. Os mãos, chefiados por um Bocanera, Câmara Rezende,

etc... ameaçaram acusar o pobre do Vigário às autoridades superiores; pois diziam elles gozarem da maior estima na Curia!... (Tombo, 1920, p. 49).

A dinâmica das festividades aumentava ainda mais a tensão dos religiosos com outros grupos existentes na cidade, entre eles os maçons. Era justamente na sociedade por eles administrada, a *Societá Italiana di Mutuo Soccorso Principe di Piemonte*, que ocorriam os bailes mais representativos, as seções de cinema condenadas pelos religiosos ou a possível assimilação de novas ideias e ideais por meio do contato com o novo, ou diferente. Para os pesquisadores Busata e Stawinski (1979), a direção da Sociedade Italiana seria abertamente contrária às normas propostas pela Igreja católica. No entender dos autores, ela promoveria desabonadoras

[...] sessões facciosas e bailes provocantes, chegando ao desatino de organizar uma reunião dançante em praça pública. Como era de se esperar, o vigário não podia deixar de manifestar seu desdém por tal aberração. Os promotores, porém, dessa diversão escandalosa, levados pelo pérfido propósito de melindrar o vigário, tiveram a desfaçatez de reprisar a bagunçada, na certeza de levar de vencida a atitude do vigário. Mas, longe de se indispor, o calmo e prudente vigário ganhou a batalha com silêncio e oração.

O fato dos sacerdotes da moralidade terem ou não *vencido a batalha* com silêncio e oração, como sugerem os autores Busata e Stawinski (1979), não parece coincidir com o discurso do sacerdote, que teria levantado o tom de sua voz energicamente contra os ditos abusos causados pelos visitantes.

Esses relatos, em que visitantes e autoridades civis são criticados com energia, descrevem apenas um aspecto do mundo social ali existente. Entretanto, a própria sociedade do período apresentava, como veremos adiante, vários sinais de deterioração. Segundo o entendimento de Friedrich Nietzsche, embora a igreja e a moral costumem afirmar que:

"O vício e o luxo levam um povo ou uma raça à aniquilação". Minha razão *reconstituída* diz: se um povo perece e vai ao fundo, se ele se degenera fisiologicamente, então *seguem* daí o luxo e o vício (isto é, a necessidade de estímulos cada vez mais intensos e cada vez mais frequentes, tal como os conhece toda e qualquer natureza extenuada) (Nietzsche, 2004, p. 15).

Nota-se, por meio de várias fontes e publicações da época, um período bastante nervoso, efervescente, permeado de receios e inseguranças, além do aparente temor de decadência social ou existencial. Novas correntes ideológicas, desarmonias internas, mudanças nas condições de vida e trabalho, repressões políticas e religiosas eram sinais de um novo tempo, um tempo que surgia acelerado. Percebidos como propagadores de novos hábitos, os visitantes eram somente mais um ponto em um manancial de transformações.

Entretanto, vindos de fora, eram percebidos como aqueles que se atreveram a violar as regras estabelecidas.

Desse modo, banir a ermo os visitantes, levando-os para longe da presença humana, foi a aparente reação dos detentores do poder, considerando-se que a atividade turística, até então, surgia como importante veículo de transformação social, apresentando um novo modelo de pensamento amparado na arte, no convívio com o outro e no saber, propiciando transformações constantes, que rompiam com as certezas e estabilidades do passado.

4. A SEDUÇÃO DO OLHAR PARA A NATUREZA

O início do turismo em Veranópolis teve a potência de uma pedra lançada contra a vidraça. Estilhaçou a ordem estabelecida, perturbou as tradições, abalou os costumes ali existentes, rompeu com a confortável rotina. Entretanto, a semente da natureza enquanto atrativo turístico estava sendo preparada, valorizada inclusive pelos próprios sacerdotes. Assim, quando germina, o turismo local passa a ter um novo caminho, uma manobra astuciosa, que constrói um modelo *moderno*, até então não existente na cidade, afastando-se do antropocentrismo, onde os *homens* e suas construções culturais seriam o centro da atratividade, passando a construir uma atividade turística onde a natureza estaria ao centro de um potente discurso total. Este ato transformador será posto em prática na década de 1950, mas apresentará um claro efeito colateral: a criação do esquecimento sobre a cidade e seus atrativos culturais.

Desse momento, até a contemporaneidade, parecerá existir um acordo não formalmente expresso ou verbalizado, sobre quais aspectos do turismo não seriam mais desejáveis para a localidade. Essa mudança, relativamente rápida e intensa, foi sendo construída ao longo das décadas seguintes ao afloramento dos primeiros atritos e divergências entre os grupos envolvidos. Na contramão da ideia de urbanidade, e da própria valorização do atrativo urbano, inicia-se a construção de um novo turismo, uma criação que irá pôr em marcha um valoroso discurso sobre as grandes potencialidades da natureza local, contando agora com a iniciativa do poder público local, o que irá lhe propiciar uma vantagem impositiva definitiva. Entretanto, como veremos adiante, a raiva ainda resmunga.

Segundo o historiador Burke (2008, p. 39), uma “aparente inovação pode mascarar a persistência da tradição”. Essa análise pode ser utilizada na nova formatação turística

veranense, onde a *inovação* seria útil para dois propósitos ambicionados pelos religiosos: combater o edonismo presente na sociedade e protestar contra a nova conduta social do excesso que se fazia perceber nos atos da juventude de então.

O conservadorismo social parecia crer que os cidadãos, especialmente os mais jovens, estimulados por possíveis pecados e tentações, apresentavam a intenção de se libertar das amarras religiosas, diminuindo o valor das antigas e rígidas tradições. Esse seria o retrato social então existente na localidade: ao passo em que ganhava dinamicidade, sofria com a condenação moral, apresentando os sinais da deterioração daquele modelo existente até então.

As palavras do então recém-chegado vigário, Affonso de Caxias, sobre parte do povo de Veranópolis, pessoas que, em seu entender, possuiriam “forte inclinação aos prazeres sensuaes”, parecem bem ilustrar esse cenário, pois como se não bastassem às “casas de pecado estabelecidas na cidade”, os “escândalos matrimoniais, os adultérios, os bailes noturnos, [as] moças que fugiam de noite eram coisas da moda” (Tombo, 1930, p. 2).

Passo a passo, o turismo com foco na natureza surgia como uma nova criatura, entretanto não mais selvagem ou desorientada. Agora ela passaria a ter regras, posturas e espaços próprios. Algo próximo ao que sugere Nietzsche (1992, p. 94), quando considera que “assim como o pai, também a classe, o padre, o professor e o príncipe continuam vendo em toda nova criatura, a cômoda oportunidade de uma nova posse”.

Essa maneira de compreender o turismo desenraizou-o do cotidiano local. Assim, aos poucos, a hospitalidade foi perdendo força, do mesmo modo que os atrativos culturais. Seria o início da queda de sua vanguarda turística. Entretanto, segundo o entendimento do então prefeito, Saul Irineu Farina (Relatório Municipal, 1958, p. 50), “não poderíamos deixar de nos valer dos bem apropriados aspectos de que nossa comuna goza, para explorar semelhante atividade industrial. Contamos com um invejável clima e com uma situação topográfica admiravelmente privilegiada”.

O mandatário faz menção ao turismo como *atividade industrial*, além de reproduzir com outras palavras o mesmo pensamento do sacerdote Affonso de Caxias, por ele apadrinhado em Veranópolis alguns anos atrás. É nesse período, meados da década de 1930, que os religiosos passam a destacar, mesmo que com discrição, as belezas naturais da cidade, percebendo-a como um lugar “alto, montanhoso, cortado por rios por todos os lados, águas boas, clima esplêndido no verão, rigoroso porém no inverno. A villa de ruas largas e prédios bonitos” (Tombo, 1934, p. 1). Além disso, segundo os mesmos religiosos, o município seria

chefiado por um “muito digno prefeito, o Sr. Saul Irineu Farina, bom catholico e bom brasileiro” (ibidem, p. 2).

Segundo Molina (2003, p. 25) essa maneira de “estruturar o setor [turístico] e seus agentes está de acordo com a lógica do mercado de massa. Os governos [...] assumem papéis diretivos na organização e gestão da atividade, inspirados também na concepção e implementação industrial”. Saliencia ainda o estudioso que, quando o turismo é tratado como indústria, uma prática corriqueira a partir da década de 1950, se costuma ditar leis de fomento e regulamentação, além de se criarem organismos públicos encarregados de estabelecer políticas voltadas ao desenvolvimento turístico. Dito de outro modo passa-se a empregar a ordem e a regulamentação, deixando de se realizar a atividade de modo orgânico para instaurar uma nova política amparada em princípios de ordem e legalidade.

Nesse contexto, segundo Molina (2003, p. 34), “o mercado está regulado por uma força que se sobrepõe às demais”, o governo central. A ele caberia propor e instrumentalizar o “modelo com ações próprias ou por meio da transferência de recursos financeiros ao setor privado” propondo, em nosso entender, um turismo caracterizado por seguir os normativos mandamentos administrativos, propagadores das imagens espetaculares de sucesso profissional que o município poderia ou deveria alcançar.

Percebe-se que as autoridades municipais, aparentemente, se deixaram entorpecer perante a obstinação pela natureza local. Retomando o enaltecimento ao patrimônio natural, o então chefe do Executivo destaca o sentimento de espanto daqueles que se deslocam de ônibus, em direção à cidade. “Quem”, afirma ele, “viajando em ônibus de passageiros não reparou o pasmo de que são tomados os estranhos ao percorrer as encostas sinuosas de nossos vales e quantas exclamações são ouvidas então!” (Relatório Municipal, 1958, p. 50). Desse modo, amparado por esse sentimento de espanto, admiração ou assombro dos viajantes, o prefeito deduzia que o turismo seria muito importante para a localidade, a ponto de considerar que a cidade necessitava “cerrar fileiras em torno desse objetivo e transformar nossa terra em um verdadeiro Centro de Turismo” (ibidem).

Assim, ponderando sobre as necessidades existentes para o desenvolvimento turístico, o governo local avalia como fundamental a construção de um “Hotel Modelar, um hotel construído com todos os requisitos para o fim a que se destina, tendo em seus arredores amplo parque no qual o veranista encontrará uma distração, seja praticando os mais variados esportes, seja entretendo-se em contemplar a prodigiosa natureza” (Relatório Municipal, 1958, p. 50). Para o então chefe do Executivo, o município seria detentor de “visões

panorâmicas surpreendentes” (Relatório Municipal, 1958, p. 150), destacando como principais atrativos da localidade os vales profundos, as “furnas naturais, quedas d’água, além das engenhosas obras de arte como a ponte sobre o Rio das Antas, os túneis e os viadutos que constituem atrativos sem par para os visitantes” (ibidem).

Cada vez mais, a proposta dos governantes acena para o afastamento do visitante do espaço urbano. Os critérios do que pode ser entendido como foco de atratividade turística local desloca o visitante do espaço cultural para o natural a passos largos, inclusive no que tange sua hospedagem. Toda a estrutura hoteleira existente é preterida para que se de a construção de um novo hotel, cercado pela natureza, um local onde o veranista poderia distrair-se praticando esportes ou contemplando os patrimônios naturais da cidade. Percebe-se que, na nova proposta, turismo e cidade não são ou estão interligados. Pelo contrário, o distanciamento é latente no que pulsam as palavras do mandatário. Ou seja, discorrendo sobre a validade do turismo para a cidade, o prefeito se afasta do campo cultural posicionando-se fervorosamente diante da natureza.

Ao longo desse processo, entretanto, os sacerdotes não se encontram contemplativos. Se não abordavam diretamente as transformações em movimento no campo do turismo, por meio de ditos ou escritos, a igreja ainda objetiva retomar o poder representante da ordem e da moral. Para isso procurava desenvolver novas técnicas de dominação social, dentre elas o uso das artes, em especial o cinema, fator que culmina na construção do edifício Dom Vital, idealizado em 1944 e concluído em 1955. Sua construção remonta a necessidade de se criar um Salão Paroquial para a realização das festas religiosas da comunidade, mas iam além, servindo também como uma espécie de ponto cultural com salão de festas, salas para jogos, teatro, cinema, rádio, churrascaria, apartamentos...

A instalação de um cinema *cristão*, no entender dos sacerdotes, ajudaria a combater os clubes e demais cinemas existentes na localidade, ambientes não recomendados pelos religiosos, além de “expurgar as fitas” (Tombo, 1935, p. 2). Desse modo, tornando-se detentores de um cine teatro, os religiosos esperavam melhor controlar os divertimentos sociais dos habitantes, entretanto, “a igreja não exploraria o cinema, devido aos filmes, que todos deixam algo a desejar – mas sim alugaria a uma sociedade composta de elementos daqui – e que ficariam sob a super vigilância do vigário” (Tombo, 1955, p. 36).

Já quanto aos visitantes, que buscavam a vibração e o entusiasmo das festividades urbanas, o juízo crítico se tornava ainda mais ácido.

Um senhor de Porto Alegre que viera para aqui passar o Carnaval, numa noite do auge das loucuras do rei momo estava dançando tresloucadamente, quando em pleno

salão da Sociedade Alfredochavense, vítima de uma congestão, cai, vomita etc... causando pânico em todos os presentes. Chamado o médico – chamaram o vigário. Não falou mais, morreu. Foi uma grande lição para os desvairados súditos do rei momo (Tombo, 1952, p. 2).

Percebe-se a obsessão cega, almejando, a todo custo, cristalizar valores, práticas ou condutas, desconsiderando a complexidade do mundo contemporâneo de então, distanciando-se, e muito, de alguns ensinamentos bíblicos, como aquele presente em Hebreus, que sugere conservar “entre vós a caridade fraterna. Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos” (Bíblia Sagrada, 2007, Cap.13, Ver. 1-2, p. 1538). Para Boff (2005), o respeito e a tolerância são qualidades humanas fundamentais para que ocorra uma relação de acolhimento ou hospitalidade. Segundo o teólogo seria indispensável o respeito

[...] diante de cada pessoa humana, de outros povos, de suas culturas, tradições e religiões e diante de cada ser. Por mais pontos em comum que sejam identificados e por profunda que seja a convivência sempre sobram arestas, perspectivas e dimensões do outro que ou não entendemos, ou temos dificuldades em acolher ou simplesmente nos causam estranheza e nos degradam. É nesse momento que deve vigorar o respeito pela diferença e a tolerância como atitudes imprescindíveis para o estar juntos na mesma Casa Comum (Boff, 2005, p.47).

Sobre a sociedade de Alfredo Chaves os sacerdotes exercitavam o olhar vigilante. Entretanto, a cidade não se metamorfoseava somente em seus costumes, que pareciam testados a todo o momento. A materialidade urbana, igualmente, passava por um veloz processo de ruptura entre antigo e *moderno*, consumida pela manifesta vontade de ali se instituir a contemporaneidade.

5. O PODER SIMBÓLICO E A NOVA RECONSTRUÇÃO DO URBANO

Em Veranópolis, a falta de entrelaçamento entre turismo, cidade e natureza ganha contornos precisos quando analisados à luz da propaganda turística oficial da cidade (Comarú, 2010; 2011). Segundo Tavares (2002, p. 17), a questão da atratividade turística “passa, sem dúvida, pelo reconhecimento e pela importância atribuídos a esses elementos na localidade onde estão inseridos. A valorização sociocultural que o atrativo possui ou recebe é imprescindível para mostrar sua relevância no panorama turístico do local”.

Ao enaltecer a nova imagem da cidade, o prefeito Saul Farina pronunciava-se esfuziante. Em seu entender, segundo relatório apresentado por ele a Câmara Municipal local,

em 1937, o município progredia “a olhos vistos, [...] dia a dia embelezando-se de novas edificações que pontuam aqui e ali, ora subindo a encosta de uma colina, ora estendendo-se numa curva de rua para surgir mais longe, dominando todos os quadrantes da nossa pitoresca urbs” (Relatório Municipal, 1937, p. 9). Mais adiante, ainda no mesmo relatório, o mandatário observa o caráter glorificante da renovação urbana: “o melhor é que essas inúmeras edificações perderam o antiquado aspecto colonial, para se mostrarem em elegantes bungalow (sic), dignas de figurarem em qualquer dos bairros mais elegantes da metrópole gaúcha” (idem).

Se, por um lado, percebe-se a transformação como novidade histórica, uma mudança que transforma a renovada estética em símbolo de progresso ou distinção, nota-se também o desprendimento e o desinteresse pelo seu passado colonial. Esses fatores parecem propor uma espécie de abertura para o futuro, amparada na força da renovação urbana e no uso do *poder simbólico*⁷, que se faz ver nos discursos dos grupos que almejam consolidar seus desejos e modos de regularidade social.

Bourdieu (1989, p. 11) entende que as diferentes classes e frações de classes “estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses [...] reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais”. Essa relação é apreendida quando se analisa a descontinuidade do município de Alfredo Chaves, desencadeada por meio do Decreto Lei nº 3599, de 1941 (Brasil, 1941), que eliminava a duplicidade⁸ toponímica das cidades brasileiras, mas que parece ter ido além e colaborado, essencialmente, para o apagamento de parte da memória social do município.

Quando da mudança, o primeiro método utilizado para a substituição foi o autoritarismo. O prefeito de então, Rogério Galeazzi, fazendo valer seu desejo particular, define que o município passará a se chamar *Tapir* - que significa *Anta* na língua indígena tupi-guarani. Publicado em edital e comunicado diretamente ao Conselho Nacional de Geografia, o mandatário optou por não envolver qualquer setor da sociedade local na escolha do novo nome (Farina, 1992). Entretanto, o fato de não consultar setores tidos por influentes na localidade faz com que os campos intelectual e econômico, capitaneados pela Associação Comercial e Industrial de Alfredo Chaves, dê início a uma robusta campanha contra a designação imposta pelo prefeito. Este, ao tomar conhecimento da situação, ironiza a

⁷ Para Pierre Bourdieu (1989, p. 14), o poder simbólico é capaz de “constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico”.

⁸ A regra era simples: a cidade mais antiga manteria o nome. Dada à existência de um município mais antigo, com o mesmo nome, no estado do Espírito Santo, coube à cidade gaúcha a substituição.

manifestação afirmando que não deixava de “ser interessante e útil a intervenção da Associação Comercial, no caso, embora um pouco tardiamente” (Farina, 1992, p. 151).

Todavia, as manifestações não cessam, assim como a busca pelo novo nome. Dentre os muitos originados em meio a vários debates e reuniões, Mansueto Dal Pai acaba por sugerir a criação da *Cidade Veraneio*, ou, simplesmente, Veranópolis. A ideia passa a ser abertamente apoiada pela Associação Comercial em debates e reuniões por ser, “conforme consta numa das atas ‘muito mais significativo, tendo em vista a ótima situação climática e especial para o veraneio, bem como o fato de não existir no País nome semelhante que possa dar origem a confusão’” (Farina, 1992, p. 153). Decidido o nome, inicia-se uma costura política que irá atropelar a vontade do então prefeito, e que levará a indígena Tapir a se transmutar em *Cidade Veraneio*.

Tal sugestão foi encaminhada a Mansueto Bernardi, então residente em Porto Alegre. Intelectual e político influente, Bernardi imediatamente entrevistou junto ao Conselho Regional de Geografia [...] E para exercer maior pressão, a Associação Comercial e Industrial enviou telegramas para Ernesto Dornelles, Interventor do Estado, ao Dr. Alberto Pasqualini, então Secretário do Interior, e do Comandante da 3ª Região Militar (Farina, 1992, p. 153).

A articulação resultaria no seguinte editorial do jornal Diário de Notícias, de 18 de novembro de 1943: “Alfredo Chaves que todos pensavam mudar para *Tapir*, terá, de hoje em diante, a denominação expressiva de Veranópolis, conforme sugestão apresentada pelas classes mais representativas do município”. Desse modo, Alfredo Chaves não vê somente sua paisagem urbana mudar dia a dia, mas presencia a recriação de sua própria identidade por meio de vontades políticas, vontades que direcionaram o visitante cada vez mais para a contemplação das paisagens locais. Entre as tantas belezas naturais enaltecidas pela oficialidade, a imagem e a cultura da cidade acabou por ser esquecida.

A paisagem urbana de Veranópolis, na contemporaneidade, acompanha a ascensão de novos grupos sociais que desejam, ardentemente, impor suas marcas nas novas representações do espaço urbano. Valendo-se de um brutal capitalismo imobiliário, as relações de poder são renovadas e/ou revigoradas para representar as distintivas características de uma nova sociedade urbana, atrelada consequentemente a novos fatores/poderes, econômicos, políticos e culturais que se fazem ver na paisagem urbana. Talvez por isso, ao retomar o pensamento de Fernand Braudel, Jacques Le Goff (1992, p. 3), compreenda as cidades como “transformadores elétricos”, pois elas “aumentam as tensões, precipitam as trocas, urdem incessantemente a vida dos homens... São os aceleradores de todo o tempo da história”.

Esse tempo acelerado propicia reações e/ou relações diversas entre memória e tempo presente, dentre elas a de que “*Veranópolis não é mais Veranópolis. Não. Mudou muito*”, opinião de uma filha de imigrantes italianos, chegados da cidade de Cremona no início do século XX. Residindo no município de Vila Flores, distrito emancipado de Veranópolis na segunda metade de 1980, por vezes, a entrevistada vai à antiga cidade “*só para ver os apartamentos [edifícios] que estão construindo*”.

O deslocamento lhe aguça as percepções e proporciona um reencontro com suas memórias; memórias que ficaram registradas em locais, em espaços que remetem a casos e causos representados na paisagem urbana, ou na ausência de seus referenciais. Isso é ilustrado quando a entrevistada, ao se deparar com a construção de um edifício na área central da cidade, onde antigamente existia uma das mais importantes casas de comércio da localidade, afirma:

Olha ali esse apartamento que estão construindo, ali onde que moravam os (membros da família) Dal Pai. [...] Eles não queriam morrer, porque eles eram o governo de Veranópolis, os mais ricos. Eles não queriam morrer, *ma varda, i viene mortti tutti*⁹ e olha... Eu fico parada olhando e pensando... Olha ali, construindo esses apartamentos onde morava a Loja Dal Pai (S.I.C., 2008).

Consolida-se uma paisagem urbana idêntica a outras tantas cidades, permanecendo como representante das singularidades locais alguns poucos bens arquitetônicos ainda não consumidos pelo campo imobiliário, mas dominados pela invisibilidade social. Esse fenômeno ganhou força nos últimos anos, quando foram edificadas mais de 923.791,072 m² entre casas e edifícios¹⁰.

6. ENCAMINHAMENTOS FINAIS

O período entre os anos 1920 e 1960 foi uma etapa agitada no campo sociocultural de Alfredo Chaves, depois Veranópolis. Havia na localidade uma grande liberação de energia social, onde o instituído metamorfoseava-se com uma dinamicidade nunca vista até então. Percebiam-se novas ideias, o surgimento de novas forças comerciais, emancipações políticas de distritos importantes, as novas facilidades nos transportes e na comunicação, que facilitavam idas e vindas...

⁹ “Mas olha, eles morreram todos”.

¹⁰ Dados obtidos no setor de Engenharia da prefeitura municipal de Veranópolis. Abrangem o período entre 1989 e 2009.

Era um momento de exuberância e efervescência que atordoava os setores conservadores, dentre os quais a igreja católica que, até então, usava seu poder para fazer-se ver e/ou perceber como a autoridade mundana e espiritual, uma entidade que atuaria como árbitra e guardiã da verdade e da moral, objetivando reger as posturas sociais da localidade.

Para os religiosos de então, que tinham por ameaçadores os festejos e eventos, ou os hábitos e modos de viver dos visitantes, a mudança turística era providencial. Com seus discursos e narrativas contrárias ao contato com o *outro*, deixaram transparecer a relação de força e poder que naquele momento exerciam domínio. Segundo Wilde (2003, p. 16), as “emoções do homem são despertadas mais rapidamente que sua inteligência” assim, seria “bem mais fácil sensibilizar-se com a dor do que com a ideia”.

Constata-se, a partir de meados do século XX, um novo entendimento sobre o turismo local, agora voltado potentemente para o campo e a natureza. O desenvolvimento dessa nova ideia, com suas múltiplas possibilidades de uso, - valorativa inclusive do discurso terapêutico -, transforma o turismo em algo diferente do que era até então. A cidade, enquanto produto e/ou representação da arte e cultura, passa a ser subordinada a essa nova proposta, onde o exercício da cultura é substituído pela contemplação da paisagem.

Tal processo não se deu somente pela vontade dos políticos de então, com suas pomposas frases de efeito, ou então pela abrupta percepção de uma natureza extraordinária e abastada. A proveniência da mudança se dá, sobretudo, por conflitos de interesse, construção de novos imaginários e representações que, sobre a cidade e turismo, se fizeram ver.

Por meio dela surge a nova ordem social e turística, repleta de intenções, desejos, mitos e utopias que se refletem até os dias atuais. Inicia-se, com ela, o modelo turístico isolado, descontextualizado ao cotidiano da cidade, incutindo a visão, e a eterna expectativa, de que a natureza transformaria Veranópolis em um “centro de turismo” (Relatório Municipal, 1958, p. 50).

Sob essas condições, a cidade passa a enfrentar a falta de público interno e externo, além da redução das opções culturais. Teatros, cinemas, bandas, clubes, associações ou cafés vão encerrando suas atividades, a ponto de não restarem muitas possibilidades para visitantes ou visitados, empobrecendo também o cotidiano local, com potentes reflexos até os dias atuais. A visão desfavorável do contato com o *outro* parece ter alcançado seu objetivo de *afastar o rebanho do lobo*, ou de consolidar o fracasso da tolerância. Consolidou-se, entretanto, o imaginário da natureza como fator primordial para o turismo local. Desse modo, entre tantas belezas naturais, a cidade acabou sendo esquecida.

REFERÊNCIAS

- Bíblia Sagrada*. (2007) São Paulo: Ave-Maria.
- Boff, L. (2005) *Virtudes para um Mundo Possível. Hospitalidade: Direito e Dever de Todos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bonfada, G. (1991) *Os palotinos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Palotti.
- Bourdieu, P. (1989) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Burke, P. (2008) *O que é História Cultural?* Editora Zahar. RJ: 2008
- Busatta, F. F.; & Stawinski, A. V. (1979). Luís de la Vernaz: a Igreja em colônias italianas. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS.
- Cândido, A. Prefácio. (1994). In: S. B.de Holanda *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.
- Chartier, Roger. (1988). *A história cultural: entre práticas e representações*. Alges, Difel 82.
- Comarú, I. F. (2010) Comunicação Turística e Patrimônio Arquitetônico: a folheteria turística da cidade de Veranópolis. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Caxias do Sul, RS, Brasil,33
- Comarú,I.F.. (2011) *Patrimônio histórico e turismo na cidade de Veranópolis/RS*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul/Caxias do Sul, RS, Brasil.
- Dalla, C. A. R. R.. Zanchetta: café, sorvete, hotel, adega, cinema. In: R. Costa, (Org.). *Raízes de Veranópolis*. (1998). Porto Alegre: EST.
- Farina, G. (1992). *A história de Veranópolis*. Veranópolis, SMEC.
- Ferreira, M. M.(1994). História oral: um inventário das diferenças. In: entre-vistas: abordagens e usos da história oral. M. M. Ferreira, (Coord); A. A. de, Abreu [et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- Gardelin, G. & Costa, R. (1993). *Colônia Caxias: origens*. Editora EST. James, P. (1939) *O problema da colonização permanente no sul do Brasil*. In Revista Brasileira de Geografia, nº 10.
- James, P.(1939). O problema da colonização permanente no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.1, n.4, 1939.
- Jornal O Estafeta (2015). *A cultura italiana e o turismo*. Veranópolis.
- Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Campinas. SP: Ed. da Unicamp.

Livro-Tombo. (1920, 1935, 1955). do município de Veranópolis.

Machado, F. C. (2014). Casas de Pasto: Presença na Proto-História do Turismo no Rio Grande do Sul. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 6(2), 307-320. Recuperado em 10 julho, 2015, de <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2635>

Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record.

Mauad, A. M.(2003). Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, 13(01), 133-174. Recuperado em 10 agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf>

Molina, S. (2003). O pós-turismo. São Paulo: Aleph.

Nietzsche, F.(2004). *Crepúsculo dos Ídolos*. Porto Alegre: LP&M.

Pimentel, G. (1987). *Diccionario Historico Geographico e Estatistico do Municipio de Alfredo Chaves*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura.

Relatório Municipal. (1916). *Apresentado ao Conselho Municipal em 15 de outubro de 1915 pelo Intendente Coronel Achylles Taurino de Resende*. Porto Alegre: Livraria Americana.

Relatório Municipal. (1958). *Referente ao exercício de 1958 do prefeito Saul Irineu Farina*. Apresentado a Câmara de Vereadores na sessão ordinária de 1º de junho.

Tavares, A. (2002) *City tour*. São Paulo: Aleph.

Valduga, G. (2007). *"Paz, Itália, Jesus": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Wilde, O.(2003). *A alma do homem sob o socialismo*. Porto Alegre: LP&M.